RFTC
REVISTA FATEC DE TECNOLOGIA E CIÊNCIAS

FAtec
Daqui, você vai longe

UM ESTUDO SOBRE O PROCESSO DE LETRAMENTO COM AGENTES PROPRIETÁRIOS/AS DE SALÃO DE BELEZA DO MUNICÍPIO DE ALAGOINHAS - BA

RAIMUNDO WASHINGTON DOS SANTOS
ADMWASHINGTONSANTOS@YAHOO.COM.BR

RESUMO

Este artigo versa sobre os saberes construídos pelos proprietários de salão de beleza. Aqui, pode-se constatar a existência de trabalhos acadêmicos voltados para entender e explicar o funcionamento do salão de beleza, tendo como mote as seguintes questões: a busca da beleza, o consumo, a estética, a relação com os/as usuários, as imagens e discursos sobre salões de beleza étnicos. Nesta senda, nota-se a escassez de estudos que se preocupam em compreender a formação, ou melhor, o processo de letramento desse proprietário, ou mesmo, considerá-lo como um potencial para ser um agente de letramento. Nos procedimentos metodológicos aplicados com questionários, cujos conteúdos foram divididos em três blocos: a) a história do estabelecimento; b) funcionamento do salão; c) perfil dos/as proprietários/as, com ênfase em sua trajetória no território do salão de beleza. Assim, a realização da pesquisa se deu por entender que se faz necessário aprofundar o conceito de letramento como multifacetado, presente nas diferentes esferas da atividade humana e da necessidade de compreender e identificar nos estudos de letramento as práticas sociais dos proprietários/as de salão que estão envolvidas, de certo modo, no vender um serviço e em troca obter resultado financeiro. É preciso alertar que este artigo é um recorte de dissertação que se integra ao projeto intitulado “A construção da tecnologia social com as microempresárias e os CETEP (CENTRO DE ESTUDOS TÉCNICOS E PROFISSIONALIZANTES)”, com efeito, os salões de beleza devem ser considerados um espaço de aprendizado, cujos processos de letramento devem tornar-se uma agenda pública nos CETEP com a formação de profissionais para atuarem neste mercado específico.

Palavras-chave: Processo de letramento; Agente de letramento; Salão de Beleza.

.

RFTC
REVISTA FATEC DE TECNOLOGIA E CIÊNCIAS

FAtec
Daqui, você vai longe

Abstract

This article deals with the knowledge constructed by beauty parlor owners. Here, one can observe the existence of academic works aimed at understanding and explaining the operation of the beauty salon, having as their motto the following issues: the search for beauty, consumption, aesthetics, the relationship with users, images and discourses on ethnic beauty salons. In this path, it is noted the scarcity of studies concerned with understanding the formation, or rather, the process of literacy of this owner, or even, consider it as a potential to be a literacy agent. In the methodological procedures applied with questionnaires, whose contents were divided into three blocks: a) the history of the establishment; b) operation of the salon; c) profile of the owners, with emphasis on their trajectory in the territory of the beauty salon. Thus, the research was carried out because it is necessary to deepen the concept of literacy as multifaceted, present in different spheres of human activity and the need to understand and identify in the studies of literacy the social practices of the salon owners that are involved, in a way, in selling a service and in exchange for financial results. It is necessary to alert that this article is a clipping of a dissertation that is part of the project entitled "The construction of social technology with micro-entrepreneurs and the CETEP (CENTRO DE ESTUDOS TÉCNICOS E PROFESSIONALIZANTES)", in effect, the beauty salons should be considered a learning space, whose literacy processes should become a public agenda in the CETEP with the training of professionals to work in this specific market.

Key-words: Literacy process; Literacy agent; Beauty Salon.

INTRODUÇÃO

Resultado de recortes de uma dissertação de autoria do próprio autor deste artigo, a pretensão é discorrer sobre os saberes construídos por proprietários/as de salão de beleza do Município de Alagoinhas - BA, com o intuito de verificar o que impulsionou a montagem, o funcionamento e manutenção do seu negócio. Esse sujeito foi considerado, durante todo o contexto da pesquisa, como um agente de letramento, pois, é alguém que opera, que atua, portanto, um sujeito especializado que trata de negócio com liderança, que representa os interesses de seus clientes.

A escassez de estudos que se preocupem em compreender a formação, ou melhor, o processo de letramento desse(a) proprietário(a), ou mesmo, considerá-lo(a) como um potencial para ser agente de letramento foi um fator que impediu um maior aprofundamento da pesquisa. No procedimento metodológico foram aplicados questionários, tendo os conteúdos divididos em três blocos, a saber: a) a história do estabelecimento; b) funcionamento do salão; c) perfil dos/as proprietários/as, com ênfase em sua trajetória no território do salão de beleza.

A realização da pesquisa se deu por entender que se fez necessário esquadrinhar o conceito de letramento como sendo multifacetado, presente nas diferentes esferas da atividade humana e pela necessidade de compreender e identificar nos estudos de letramento quando se faz menção, principalmente, com as práticas sociais no campo do sistema capitalista.

Baseado nesta busca e movido pela curiosidade instigante e diante do contexto, nasce uma curiosidade de compreender: *"Quais são os saberes que são produzidos pelos proprietários e proprietárias de salão de beleza para a constituição do seu negócio?".* Esta curiosidade precisou ser respondida de acordo com os resultados alcançados mediante todo o desenrolar dos trabalhos e dos saberes identificados, os quais poderiam ser de toda ordem de conhecimentos.

Como relevância social o artigo poderá proporcionar a outros pesquisadores novo norte acerca da percepção dos estudos no campo de letramento que possam ajudar na criação de projetos escolares/acadêmicos que tenham a preocupação em trabalhar não só o saber formal, mas também, instigar a identificação desses, oriundos do dia a dia do sujeito, seja pela prática de atividades cotidianas e leituras

próximas a sua realidade o que, possivelmente, estará dando um caráter de pertencimento daquilo que eles e elas entendem como sendo ‘seu tempo e espaço’, que os seus saberes também são importantes e que a sociedade civil e universidades possam estar mais próximas, desenvolvendo atividades que preencham lacunas em aberto e que o reconhecimento seja notório.

Munido com essas referências, pretendeu-se levantar discussões sobre como os conhecimentos dos agentes de letramento, contextualizados aqui no artigo de onde foram adquiridos: *a partir de relações sociais travadas com diversos atores encontrados nas vivências e experiências cotidianas? Saberes advindos da própria prática, do senso comum? Ou ainda, se este conhecimento se faz baseado em informações prov*enientes dos serviços oferecidos por outros salões?

O artigo apresenta uma lacuna na direção de situar este estudo no campo do letramento, e daí identificar e compreender os tipos de saberes que se pode produzir e deter. Assim, para atingir o alvitrado a discutir nesta investigação, foi traçado o seguinte objetivo geral, o de identificar e compreender os saberes construídos pelos proprietários/as para montar um salão de beleza na cidade de Alagoinhas – BA e objetivos específicos implicaram em identificar os tipos de saberes, embasado nos estudos de letramento/s, empregados pelos proprietários e proprietárias de salão de beleza; compreender quais vivências dos proprietários/as os motivaram a montar um salão de beleza; construir o perfil dos proprietários e proprietárias de salão de beleza estudados em Alagoinhas – Bahia.

A metodologia optada, em momento algum foi ignorado o já produzido à custa de outras teorias difundidas por seus pesquisadores e pesquisadoras, bem como seus outros olhares, com outras interpelações sobre o objeto de investigação. Ao invés disso, a busca foi pela ocupação com o já conhecido e também já produzido, para poder dialogar com os textos e com isso encontrar acesso ao desenvolvimento da referente pesquisa.

Nesta práxis, o caminho metodológico usado na investigação foi de ordem e abordagem qualitativa, etnográfica, por entender que a peculiaridade do mundo social tem suas caracterizações pelos diversos significados construídos pelos sujeitos que nele estão, seja por meio dos seus saberes, suas experiências, habilidades, conhecimentos, outros. No tocante ao que se denomina processo de

investigação para o objeto de estudo, foram utilizadas como recursos metodológicos a pesquisa bibliográfica, a entrevista semiestruturada transcrita e a gravada em áudio.

Percebe-se ser importante destacar que as entrevistas foram diferenciadas em três categorias: a história do estabelecimento; b) funcionamento do salão; c) perfil dos/as proprietários/as, com ênfase em sua trajetória no território do salão de beleza.

Com base nos caminhos percorridos, narrou-se um pouco dos momentos vivenciados que subsidiaram caminhos optados para dar vida a pesquisa. Contudo, apresenta-se o arcabouço desta averiguação expandida numa introdução, de capítulos de que trata o tema, mais as considerações finais, as referências pesquisadas.

A opção adequada ao que se propôs investigar foi por uma pesquisa qualitativa com princípios etnográficos, utilizando a técnica de coleta de dados através de instrumentos como: entrevista semiestruturada, questionário, diário de bordo, para assim iniciar o processo de análise de dados através do conceito de letramento. Com o uso de bibliografias, e com isso investigar os saberes que são produzidos ou construídos pelos proprietários de salão de beleza para poderem constituir o seu negócio e, portanto, tornarem-se donos, embora perceba-se que em um salão diversas são as atividades que se possa desenvolver, porém todos os pesquisados que são proprietários/as foram ou são cabeleireiros/as.

Escrever a metodologia para a composição da pesquisa, remeteu-se à indagação inicial: *“Quais são os saberes que são produzidos pelos proprietários e proprietárias de salão de beleza para a constituição do seu negócio?”.*

Baseado nesse problema que requereu uma resposta conforme as informações obtidas e as devidas análises através dos questionários e entrevistas realizadas junto aos proprietários/as de salão de beleza, buscou-se responder ao problema posto em evidência.

Outra opção metodológica foi a entrevista semiestruturada, que na concepção de Moura, Ferreira e Paine (1998), consiste em uma coleta de dados que expõe o contato face a face entre o pesquisador/entrevistador e o entrevistado que fornece as informações.

O uso do diário de campo se configurou em um instrumento de pesquisa porque proporcionou um aprofundamento de reflexões a serem realizadas referente às experiências no momento da realização das entrevistas que se deram nos salões de beleza com seus respectivos proprietários e proprietárias.

Em se tratando da pesquisa bibliográfica, fundamental para os conceitos dados sobre letramento, foi feita baseada em material já elaborado acerca da temática.

Para a realização da pesquisa foi imprescindível conhecimento dos salões de beleza da cidade, já que o tema e temática estavam imbricados com esse espaço. Alagoinhas até 2015 tinha vinte e três salões de beleza legalmente autorizados para funcionarem, ou seja, registrados junto à prefeitura, sendo 23 inscrições de cabeleireiros, dos quais treze como pessoa jurídica, cinco como pessoa jurídica - Micro Empresário Individual (MEI) e outros cinco como profissionais autônomos, sendo assim, ficou evidenciado que esses espaços são devidamente autorizados a funcionarem e explorarem seus serviços, porém é perceptível que há na cidade muitos outros salões que não se configuram nesses registros, os chamados salões informais, que são maioria. No decorrer dos anos, os números praticamente não se alteraram formalmente. Para a pesquisa escolheu-se trabalhar com seis salões.

Ainda na metodologia, destacou-se o “Clima das Entrevistas”, momento em que buscou-se ter uma conversa estruturada com finalidade definida e que pressupôs uma estratégia de condução na qual os dois lados, pesquisador e pesquisado, interagissem.

Outro momento empregado na metodologia foi analisar o perfil dos entrevistados e entrevistadas, sujeitos que contribuíram com os dados e informações à pesquisa, a qual se constituiu em encontro com seis donos de salão de beleza em seus respectivos locais de trabalho. Seus nomes originais foram preservados e criou-se siglas (iniciais dos seus verdadeiros nomes) para proporcionar uma identificação no desenrolar dos textos, a serem transcritos de suas respostas e falas.

HISTORIANDO O SURGIMENTO DOS ESTUDOS DE LETRAMENTO

Hoje percebe-se que muitos estudos são feitos no Brasil sobre letramento, onde os olhos dos pesquisadores estão voltados para o tema como “um fenômeno de interesse social” (KLEIMAN, 1995, p.15), vendo a possibilidade de mudar uma realidade social considerada sofrível, pois é perceptível ver o distanciamento que há de alguns grupos da escrita, o que ajuda a manter e concretizar um *status quo* de marginalidade desses grupos.

No Brasil, especificamente, o termo letramento se insere e ganha espaço há pouco tempo no discurso de especialistas das áreas, tanto da educação quanto da linguística. Para entender melhor sobre esse acontecimento, é necessário ir ao seu início, época e contexto, onde tudo começou, para uma compreensão mais peculiar e entendimento do que trata e busca letramento enquanto um desdobramento das riquezas referente ao pertencimento, conhecimento, experiências e sabedoria de sujeitos em suas respectivas sociedades.

No contexto histórico, sabe-se que foi na segunda metade do século passado (XX), mais especificamente no ano de 1986, que o termo letramento surgia no cenário educacional brasileiro, trazendo seus conceitos e sua finalidade no meio acadêmico e escolar.

Um dos avanços consideráveis atualmente que aqui se relata é, talvez, o uso da denominação letramento, que muitos teóricos e teóricas postulam erroneamente, afirmando que se trata de sinônimo de alfabetização em suas diferentes concepções, mas é importante saber diferenciar letramento da proposta que tem o processo de alfabetização, são dois momentos distintos.

Para um melhor entendimento acerca de uma definição que deva ser delineada, conforme Soares (1998), letramento é uma palavra recém-chegada ao vocabulário da Educação e das Ciências Linguísticas e a conceitua dizendo que é o resultado da ação de ensinar ou de aprender a ler e escrever. Diz ainda que se pode considerar como sendo o estado ou a condição que adquire um grupo social ou um sujeito como consequência de ter se apropriado da escrita, em outras palavras, é estado ou condição de quem não apenas aprende a ler e escrever, que já seria a condição de alfabetizado e alfabetizada, mas cultiva e exerce as práticas sociais que

usam a escrita.

O sujeito estando de posse dos usos da leitura e da escrita, pode agora fazer uso do que adquiriu com essas ciências (ler e escrever), portanto, apoderar-se dessas duas condições e com isso desdobrar novas outras formas de conhecimentos e saberes que possam ser de utilidade para si e para o meio em que vive, onde as práticas sociais, advindas do dia a dia, possam ser interpretadas dentro do contexto que se detém no entendimento dado a letramento, nos dias de hoje. Partindo dessa compreensão segundo Kleiman (2005), verifica-se que letramento abre espaço para uma nova forma de conceber a relação entre o escrito e o oral, dessa forma, pode-se perceber que assim foi postulado uma relação de continuidade nesse entendimento e não o de oposição entre o oral e o escrito perante as evidentes relações que existiam entre os usos da língua falada e os usos da língua escrita.

Posto isso, implica um conjunto de atividades visando ao desenvolvimento de estratégias ativas de compreensão da escrita, a ampliação do vocabulário e das informações para aumentar o conhecimento do sujeito e a fluência da sua leitura.

Definindo as dimensões dos estudos de letramento: individual e social

Conforme Soares (1998), em seu entendimento, a dimensão individual do letramento parte do pressuposto de que é um atributo pessoal, algo que está relacionado à simples posse individual das tecnologias mentais complementares de ler e de escrever, onde nessa dimensão do letramento, tem-se a ideia de que um sujeito, para ser considerado letrado, ou estar em processo inicial de letramento, necessita ter no mínimo adquirido a habilidade de ler e escrever, algo trabalhado no processo de alfabetização.

Ainda atrelado ao entendimento de Soares (1998), percebe-se que ela apresenta a dimensão social do letramento que parte do pressuposto de que a introdução da escrita em uma determinada sociedade, até então sem uma relação forte com ela, pode trazer também aos grupos transformações políticas, sociais, econômicas e linguísticas, é, portanto, sair de uma situação até então estática, para uma dimensão dinâmica. Continua a autora em sua afirmação que essa segunda

dimensão do letramento torna realmente impossível definir o termo sem antes fazer uma análise social/cultural desse fenômeno.

Fazendo uma analogia a essa observação, não se distancia quando essas ideias de letramento é posta em evidência na identificação dos saberes reverberados pelos agentes de salão de beleza quando os acionam consciente ou não e como promovem a constituição do seu espaço (salão de beleza) como meio de sobrevivência através de suas práticas sociais, percebendo que é possível que existam entendimentos diversos, bem como explicações sobre esse fenômeno, porque fica subentendido que cada sociedade tem uma forma própria de fazer uso de sua escrita e leitura, uma espécie de apropriação que vai de acordo com o contexto em que esses sujeitos estão inseridos, em outras palavras, o que se pratica de letramento em uma sociedade ocidental pode ser diferente de uma sociedade oriental ou mesmo dentro de ambas, equivalendo a realidade situacional de cada uma e de seus sujeitos.

Letramentos e os modelos autônomo e ideológico

Conforme Street (1984, p. 47), em sua explicação, categoricamente afirma que “seria, provavelmente, mais apropriado referir-se a “letramentos” do que a um único letramento, e deve-se falar de letramentos, e não de letramento, tanto no sentido de diversas linguagens e escritas, quanto no sentido de múltiplos níveis de habilidades, conhecimentos e crenças, no campo de cada língua e/ou escrita”.

Kleiman (1995) reforça em seu conceito de letramento a definição de que se trata de um conjunto de práticas sociais que usam a escrita, enquanto sistema simbólico e enquanto tecnologia, em contextos específicos, para objetivos específicos.

Baseando-se em Kleiman (1995), pode-se perceber possíveis falhas do modelo autônomo de letramento: o determinismo tecnológico, a indiferença às variações culturais, o fato de ser sumamente economicista e de ser etnocêntrico, mesmo assim, todos esses fatores diminuem o modelo autônomo por ser discriminatório contra o “iletrado”, que passa a ser, conforme seu significado, um

sujeito sem visibilidade. Como se pode perceber, essa oposição ao modelo autônomo, peculiar da estudiosa Kleiman, tem como contrapartida a sugestão de prováveis alternativas dentro do modelo ideológico que realmente aproxima o sujeito da sua realidade.

Street e Lefstein (2007) entendem que falar de letramento é tratar de uma abordagem que tem sido particularmente influenciada pela perspectiva etnográfica, ou seja, fazendo uso de outras palavras, é mostrar que o trabalho das pessoas é normalmente mais rico e complexo do que o descrito pelas definições dos processos e pelos modelos dos sistemas, é entender que há a necessidade de se vivenciar junto ao objeto de estudo, no ambiente em que esse se insere, para melhor compreensão.

Pelo pressuposto apresentado, chega-se a um entendimento de que diferentes grupos sociais apresentam suas orientações de maneiras distintas de letramento, vale ressaltar que cada sociedade tem seu povo e como povo, possui sua maneira de fazer uso das práticas de leitura e escrita, bem como suas práticas sociais, o que realmente reforça mais uma vez a pluralidade de letramento.

Fazendo alusão dessa perspectiva, letramento, Barton (1994), Rojo (2009) e Oliveira (2008) são bastante categóricos quando entendem e informam as maneiras pelas quais as diferentes culturas trabalham a escrita, consequentemente reverberando nas relações sociais existentes.

Letramento: seus eventos e suas práticas

Barton (1994) apresenta e propõe em seus estudos dois componentes do fenômeno do letramento: o primeiro é denominado de eventos e o segundo de práticas do letramento. De acordo com o entendimento do autor, no que tange aos eventos de letramento, explica categoricamente que seriam ou são atividades humanas em que a escrita está presente na vida do sujeito em suas mais variadas acepções e contexto, já que, ainda em seu entendimento, quando se fala em práticas de letramento que seriam ou são formas culturais de se fazer o devido uso da escrita nesses eventos vivenciados pelos sujeitos.

O ato de um proprietário ou proprietária de salão de beleza produzir os seus

saberes, oriundos das experiências de vida, das vivências, dos conhecimentos adquiridos, para a constituição do seu negócio de salão, também seria exemplo de um evento de letramento, principalmente quando isso acontece de forma recorrente.

Já as práticas advindas de letramento fazem alusão para as diferentes formas como as culturas, e aí equivale o espaço, a sociedade em que se trata da questão, lidam com tais narrativas contados pelos sujeitos, a discussão feita de reportagens de jornais televisivo ou impresso, produção de listas de compras, etc. Ao que tudo indica e parece, há um entendimento, sem sombras de dúvidas, de que agrupamentos culturais distintos tendem a lidar de forma também distinta com os usos sociais da escrita, dado a sua realidade.

Eventos de letramento, como um curso preparatório para cabeleireiros e cabeleireiras, um ritual de embelezamento em um salão de beleza para uma noiva no dia do seu casamento, entre tantos outros, tendem a assumir configurações bastante distintas de uma cultura para outra, isso é interessante ensinar aos profissionais de salão de beleza de que uma sociedade difere da outra, de acordo com seus costumes, hábitos, tradições. São, portanto, essas situações que evidenciariam efetivas distinções entre os eventos tomados em si mesmos e as práticas, concebidas como “formatações” dadas a esses eventos. Como já dito, subtende-se que as práticas de letramento se distinguem nas diferentes comunidades, o que parece repercutir de modo efetivo na forma como os proprietários e proprietárias de salão de beleza concebem os inúmeros eventos de letramento, ou seja, as atividades a serem praticadas, fazendo utilizações de formas diferenciadas da língua escrita e interpretando de modo singular os usos de que tomam parte no seu cotidiano.

Conforme Barton e Hamilton (2000), as práticas de letramento são formas gerais de cultura, bem como de vivências que ancoram os usos da modalidade escrita e por meio das quais os sujeitos participam durante suas vidas.

Baseado nesse entendimento, vê-se que as chamadas práticas constituem processos, esses chamados de intrassubjetivos, derivados de processos, também, intersubjetivos, internos e questionáveis, com a inclusão de conhecimentos compartilhados, representados em ideologias e identidades sociais.

Baseado em Barton (1998) e Hamilton (2000), os eventos de letramento são

atividades em que o letramento exerce um papel social. São das práticas que se pode observar os eventos que delas derivam. Inferem ainda que alguns desses eventos estão ligados à sequência de rotinas que podem consistir em procedimentos formais e de expectativas, como exemplo das instituições sociais, um salão de beleza, enquanto local de trabalho – troca de experiências, conhecimentos, saberes, habilidades, técnicas; escolas para formação de profissionais da beleza e organizações de assistência ou associações específicas para tratar de assuntos da classe. Outros eventos instituem-se em vivências mais informais que têm lugar no lar, na rotina diária.

Faz-se necessário a justificativa da palavra ou condição dada ao proprietário ou proprietária de salão de beleza vir a ser considerado um ‘agente de letramento’, pois assim como diz do(a) professor(a) que faz uso do contexto escolar para inserir seus alunos nas práticas de letramento, ou seja, em outras palavras, o professor visto como agente de letramento seria "um promotor das capacidades e recursos de seus alunos e suas redes comunicativas para que participem das práticas sociais de letramento, as práticas de uso da escrita situadas, das diversas instituições" (KLEIMAN, 2006, p. 08).

Partindo desse pressuposto, não é diferente com o proprietário de salão de beleza que também, mediante os seus saberes e práticas sociais, experiências, conhecimentos, usos diversos dos seus saberes através de práticas sociais, compartilham tais conhecimentos com outros sujeitos que buscam conhecer a arte de ser um profissional em cabelos e mesmo como ter o seu próprio negócio baseando-se através dos saberes que acionam e deles fazem o devido uso, tudo baseado nas (re)leituras que façam em tudo que esteja envolto no dia a dia, e como já mencionado, pelas muitas práticas sociais presentes, mesmo pela atuação e operação com as letras para promover ações.

Baseado nisso, entende-se que através da escrita e da leitura feita de seu conteúdo, as muitas releituras realizadas por seus agentes, que subsidiam práticas sociais que se multiplicam em novas ações passadas de sujeito a sujeito e com isso ratificando os diversos conceitos expostos por muitos estudiosos quando definem letramento como letramentos em seu significado maior e em sua pluralidade, ou seja, como sendo um conjunto de práticas advindas das vivências, experiências,

pertencimentos, saberes, conhecimentos, práticas, habilidades de um povo e de uma sociedade que divergindo de outras não deixam de ter imbricado no seu universo de saberes o conhecimento que deve ser entendido e compartilhado entre os povos para que deles façam os devidos usos, que assim se vejam como necessários.

MEMÓRIA, CORPO E LETRAMENTO NA CONSTITUIÇÃO DO SUJEITO

Na constituição de identidade e dos saberes profissionais dos proprietários de salão de beleza, a partir das histórias de vida e do resgate das lembranças no baú da memória, potencializa-se um confronto entre o contexto atual frente aos dispositivos de formação guardados na memória e que possibilitam a esse sujeito compreender e subsidiar, de forma crítica e reflexiva, a construção de novos projetos ligados à sua própria formação.

> Nestes momentos charneira, o sujeito confronta-se consigo mesmo. A descontinuidade que vive impõe-lhe transformações mais ou menos profundas e amplas. Surgem-lhe perdas e ganhos e, nas nossas interações, interrogamos o que o sujeito fez consigo próprio ou o que de si mesmo para se adaptar à mudança, evita-la ou repetir-se na mudança (JOSSO, 1988, p. 44).

No âmbito da subjetividade uma premissa direcionou a pesquisa acerca dos saberes específicos que são mobilizados, utilizados e produzidos, pelos proprietários e proprietárias de salão de beleza no âmbito de suas tarefas cotidianas para a construção de si.

O campo da investigação e da produção do conhecimento tem procurado conhecer, e que foi aludido na pesquisa, como cada um dos proprietários de salão de beleza estavam constituindo, desconstituindo e reconstituindo o seu sujeito e, para isso, é necessário conhecermos e entendermos a sua vida cotidiana com suas emoções e lutas que acabam por compor o processo de identidade de cada um que tem seu modo próprio de organizar suas tarefas, de resolver problemas, de enfrentar o imprevisível do cotidiano, diversos caminhos pelos quais percorreram para a aquisição e geração dos seus saberes, conhecimentos, habilidades, experiências,

etc.

A experiência do trabalho realizado em seus salões, enquanto espaço situado, enquanto seu negócio é percebido como elemento de formação capaz de valorizar o papel dos saberes da experiência. Sendo assim, o cotidiano das práticas trabalhadas, os cursos realizados, conhecimentos, saberes compartilhados em si, tem assumido papel relevante na formação desses sujeitos. Debater ideias nos permite alcançar o universal e o geral a partir do individual e do singular.

> É a oportunidade para uma nova reflexão sobre os fundamentos do social. O homem nunca é um indivíduo; seria melhor chamar-lhe um universal singular totalizado e por isso mesmo universalizado pela sua época, reproduzindo-se nela enquanto singularidade (FERRAROTTI, 1988, p. 29).

O sujeito vive e conhece a sua condição através dos grupos a que pertence e todos esses grupos participam simultaneamente na dimensão psicológica dos seus membros e na dimensão estrutural de um sistema social. Cada um deles faz a leitura do grupo a partir de sua vivência de mundo. Ferrarotti ainda nos acrescenta que:

> O nosso sistema social encontra-se integralmente em cada um dos nossos atos, em cada um dos nossos sonhos, delírios, obras, comportamentos; portanto a história desse sistema está contida por inteiro na história da nossa vida individual (FERRAROTTI, 1998, p. 26).

Experiências e aprendizagens singulares possibilitam as narrativas de situações reais de trabalho diário, permite-nos entender que as vivências, dúvidas e incertezas dos sujeitos, precisam ser socializadas, pois elas podem representar espaços/tempos de formação, de onde infere que esse processo se efetua nas micro atitudes pertinentes ao cotidiano, permitindo que esse sujeito possa delinear seu perfil pessoal e profissional, uma vez que faz parte da mesma pessoa. Josso (2002) afirma que a abordagem biográfica se inscreve numa perspectiva de investigação–formação por evidenciar um caminhar para si, onde se busca sentido e conhecimento do real, levando o indivíduo a um mergulho investigativo e formativo.

Ao longo da vida, o sujeito, por meio de suas experiências, se percebe possuindo um corpo que ocupa um espaço, e assim, detentor de histórias

adormecidas, prontas a serem reativadas, aproveita o ensejo para continuar na atividade que ocupa. O corpo do sujeito, onde podemos entendê-lo como um instrumento de compreensão, alude ao que Ajuriaguerra (1997) nos expressa em seu entendimento, que:

> Enquanto correlato do corpo, a coisa perpecionada não é, em primeiro lugar, mais uma significação pelo entendimento, mas uma estrutura acessível à inspeção do corpo, e, perpecionar, é perpecionar com o corpo. Assim, o corpo é o instrumento geral da minha compreensão, o agente e mesmo o sujeito da minha percepção (AJURIAGUERRA, 1997, p. 41-50).

À proporção que as experiências de vida vão se acumulando, o sujeito deve, perante um novo acontecimento, antecipar escolhas a partir das opções e essa análise não é apenas racional. Através das suas lembranças pessoais, entende-se o que o suposto acontecimento emocional provoca no corpo, assim como o sentimento adjacente, irão orientar a tomada de decisão.

O letramento é um fenômeno situado e irremediavelmente inseparável das práticas sociais que lhe dão origem, cujos modos de funcionamento moldam as formas pelas quais os sujeitos que nelas se engajam construam relações de identidade e de poder e se constituam enquanto sujeitos (KLEIMAN, 1985).

A constituição de diferentes tipos de letramento está intrinsecamente ligada à inserção do indivíduo em determinadas esferas da atividade humana e, concomitantemente, na constituição do sujeito (família, escola, trabalho, igreja, etc.).

O LETRAMENTO CULTURAL COMO BASE DE REFLEXÃO EM TORNO DAS CONDIÇÕES DE TRABALHO

As transformações impostas pelo mundo letrado e globalizado, o acesso descomedido, constante e ininterrupto a conteúdos diversos, o reajuste do espaço e do tempo assinalam a vida dos grupos sociais e dos seus atores, de maneira coletiva, e dos seus membros, individualmente.

> Os efeitos da globalização imprimem novas significações a práticas já conhecidas pela humanidade, a saber, o ato de ler e de escrever, o contato entre os seres humanos, a participação na vida citadina, etc. Em decorrência dessas novas significações, os grupos sociais têm as suas

> identidades deslocadas, descentralizadas e fragmentadas, gerando um novo sujeito social (SERAFIM E SILVA, 2005, p. 43).

O domínio multimodal e multissemiótico é o ápice da expressão da produção do conhecimento nas diversas áreas, ao considerarmos competência como um acervo de qualidades necessárias para desempenhar com eficiência, eficácia e efetividade o papel para que foi designado no ambiente de trabalho. Por assim ser, compreendemos a necessidade de voltarmos as nossas atenções, de modo especial, para tais aspectos.

A troca de informação propicia, sob o impacto da globalização, ressignificar práticas sociais comuns, como o ato de ler e de escrever, à medida que os canais e mídias utilizadas, para a movimentação desses informes entre os sujeitos sociais, são inúmeros. Esta concepção do papel e da relevância da informação em nossa sociedade, endossamo-la com as palavras de Mey (2001a):

> Mais do que ser aquilo que 'dá forma' ao nosso conhecimento amorfo, implícito (significado original da palavra 'informação'), a informação é usada como uma expressão metafórica que cobre toda ou grande parte da necessidade que as pessoas modernas têm de segurança e confiança nelas mesmas e no mundo que as cerca. As doses diárias de 'informação' ajudam as pessoas a continuar em suas atividades diárias, independentemente de quão triviais ou entediantes possam ser. O fluxo contínuo de 'informação' ajuda, pois, a assegurar a suave operação do estado moderno; ele assegura o tecido social entretecendo seus fios no tear de nossos negócios. Sob esse ângulo, parece apropriado que uma dentre as outras metáforas que usamos para a 'sociedade de informação' seja aquela da 'rede', que alude à atividade de 'amarrar' ou 'entretecer' linhas e fios em algum tecido. Na 'sociedade de informação' atual, o caráter todo-poderoso da informação – e a estrutura que ele impõe à sociedade – cria um 'tecido' societal interpenetrado por todo tipo de 'informações'. Estamos efetivamente falando de um tipo de 'sociedade paralela': o tecido universal fabricado a nossa volta pela moderna tecnologia computacional, conhecida também por 'rede mundial de computadores' [www – world wide web] ou 'internet' (MEY, 2001a, p. 55-56).

O encontro de mundos culturais diferentes viabiliza o processo permanente de constituição identitária de grupos e indivíduos, de acordo com a noção de que o sujeito contemporâneo é "composto não de uma única, mas de várias identidades, algumas vezes contraditórias ou não-resolvidas" (HALL, 2000, p. 12). Neste sentido, acreditamos que "identidade é um espaço onde um conjunto de novos discursos teóricos se interseccionam e onde um novo grupo de práticas culturais emerge"

(ESCOSTEGUY, 2001, p. 150).

> Com a avalanche de novas tecnologias no contexto da vida diária, o cidadão é obrigado a transformar informações em conhecimentos, adaptar-se a alterações constantes e a adequar-se a novos conteúdos, em sua cotidianidade. Muitas das tais mudanças a que o ser humano vem submetendo-se penetram o interior do seu lar e são protagonizadas pelos meios de comunicação, os quais atuam como aparelhos poderosos no processo de (re) constituição e divulgação de identidades culturais (MARTÍN - BARBERO 1995 apud ESCOSTEGUY, 2001, p. 157).

Para atender às novas exigências impostas pelo sistema capitalista e empresarial é imprescindível compreender o que o individuo incorpora de seus saberes, experiências, habilidades, conhecimentos, vivências ao mercado de trabalho, que o obriga a desenvolver múltiplas possibilidades para atender ao que lhe é exigido para manter-se ativo economicamente. Assim sendo, é mister dar uma atenção diferenciada ao letramento cultural, apoiada na análise apurada e criticidade consistente. Podemos dizer que, por efeito da globalização, o mundo mudou muito nas duas últimas décadas e com isso nos vemos obrigados a fazer, e mesmo patrocinar, uma análise crítica do fenômeno do letramento cultural como base de reflexão em torno das condições de trabalho, pois, em termos de exigências de novos letramentos, é especialmente importante destacar as mudanças relativas aos meios de comunicação e à circulação da informação (ROJO, 2009).

Assim, Rojo (2009) confirma, com o advento da globalização a sociedade mudou muito, novas formas de comunicação estão cada vez mais presentes e, consequentemente, novas práticas de letramento (letramentos múltiplos) são cada vez mais exigidas.

4 PRÁTICAS DE LETRAMENTO COTIDIANAS NO EXERCÍCIO DA PROFISSÃO DE CABELEIREIRO NO MUNICÍPIO DE ALAGOINHAS: A VOZ NO CORPO DO TEXTO

Quem sou? O que sou?

É de suma importância pensar que escrever a vida é uma aventura a qual se

mergulha em dimensões e em proporções que se pode dizer ou mesmo afirmar, são imensuráveis. Quando se decide percorrer uma trilha de existência, conhecê-la, tentar compreendê-la, o que se sabe - e isso é quase nada – é que há um começo, um fio de história que percorre um emaranhado de tramas de histórias alheias, reais, fictícias, possíveis, mas sempre sem um ponto final.

> É curioso como não sei dizer quem sou. Quer dizer, sei-o bem, mas não posso dizer. Sobretudo tenho medo de dizer, porque no momento em que tento falar não só não exprimo o que sinto como o que sinto se transforma lentamente no que eu digo. (LISPECTOR, 1980, p. 11).

No entendimento de Dosse (2009), escrever uma vida é um horizonte inacessível que sempre estimula o desejo de narrar e compreender. Pois é esse mesmo desejo que se leva à proposição de um passeio pela aventura biográfica, pelo devir da narrativa de história de vida, que se constitui na tensão entre o lembrar e o esquecer, uma memória que está e permanece no tempo e no espaço, um eterno vir a ser.

Os protagonistas, atores, personagens, sujeitos desta viagem e desta busca por conhecer melhor a sua história e que são aqui num enlace com o mundo de letramento transcritas no artigo, são sujeitos que nas suas mais diversas formas de ser e estar como cidadãos e cidadãs em um mundo comandado pela lei da mais valia, da competitividade, da globalização, das desigualdades sociais e más gestões, que trazem consigo seus saberes, suas vivências, suas experiências de vida, como tudo começou, com erros e acertos, cansaços, decepções, motivação, desmotivação, utopia, sonho, todo tipo e diversidade de situações até chegarem à concretização do seu negócio.

As vozes em pequenos recortes aqui no artigo no corpo do texto, foram extraídas de respostas dadas nos questionários respondido, esses semiestruturados, bem como, das falas espontâneas dos entrevistados, protagonistas da pesquisa.

Importante salientar que, por unanimidade, e o que chamou muito atenção, é que todos os sujeitos da pesquisa disseram não terem mais nada a informar sobre suas vidas e tudo se resumia apenas ao que foi dito, mesmo sendo instigados de várias maneiras, foram bem imperativos/as nessa observação.

Um resumo em poucas palavras extraídas na percepção do pesquisador sobre os entrevistados foi dar um tema de vida a cada um, basados em seus perfis e

suas narrativas de vidas extraídas nos questionários, pelo que experenciaram e viveram ao longo dos anos até chegarem onde chegaram, conforme seus ditos experenciados e vivenciados. Os nomes reais dos entrevistados para a pesquisa foram fictícios, mas foram sujeitos de uma riqueza pluralizada inenarrável para o linear da pesquisa realizada na busca por compreender a relação do letramento com suas práticas e constituição de um salão de beleza, dado esse, um espaço situado onde os eventos e fenomentos diversos que aludem ao tema proposto possibilita as muitas observações pretendidas para responder ao problema levantado à pesquisa.

O primeiro personagem que trouxe consigo o desejo de ver seu salão de beleza funcionando a todo vapor foi o Senhor *J.M*., 48 anos, traz a prática do letramento como reinvenção de si na vida.

Em uma visita feita ao seu estabelecimento no dia 29 de janeiro de 2015, foi realizado o primeiro contato, a primeira visita e a primeira entrevista com um proprietário de salão de beleza que atendeu aos propósitos da pesquisa. Estando *in loco* fomos apresentados ao senhor *J.M.,* que respondeu algumas perguntas que puderam dar à pesquisa uma visibilidade maior do que trata ‘os saberes produzidos por um proprietário/a na constituição do seu salão’. De início, contou a história do seu salão, desde a sua criação, sua iniciação/atuação e quanto tempo no ramo.

> “Eu acredito que os meus saberes vem de vários caminhos percorridos durante minha vida, principalmente no começo de tudo, quando comecei trabalhando como artesão, depois fui mecânico, trabalhei como almoxarife, fui cobrador de ônibus, já exerci cargo de gerente e, também já fui colaborador em prefeitura” (J.M.).

A segunda pessoa entrevistada foi a Senhora A.S. Na sua narrativa, A.S., natural de Alagoinhas, 35 anos, afirmou tranquilamente que nunca saiu da cidade para morar em outros lugares, mostrou-se ser simpática e de bem com a vida; estava cursando o ensino médio na Comissão Própria de Avaliação - ensino supletivo (CPA) com conclusão prevista para março de 2016 e citou o sonho de vir a fazer uma faculdade. Diz que na sua infância já começava a despertar o interesse pelo mundo da criatividade em tudo que se relacionava com beleza. Para ela, como criança, essa curiosidade era algo fantástico que a encantava.

> “Eu já tinha adquirido experiência nos dois salões que trabalhei e dominava bem o trabalho de mega haire, coisa que sempre gostei de fazer, e por ter aprendido na infância a questão de saber lidar com gente, vender e ter resultado me vi pronta pra ter o meu próprio salão” (A.S.).

A próxima história de vida foi a da microempreendedora de salão de beleza chamada de J.C., 33 anos, natural da cidade de Alagoinhas, casada, mãe de um só filho de 14 anos.

J.C., como os demais entrevistados, se identificou com o seu negócio e relatou que tudo começou junto com a sua irmã, que já era proprietária de um salão de beleza. Curiosa, como sempre foi adepta da criatividade e de mexer, mesmo sem técnicas, em cabelos, começa a trabalhar como auxiliar.

> "Eu comecei trabalhando com a minha irmã num salão, e assim eu trabalhei, uns seis anos, quase sete anos, aí, depois ela (sua irmã) mudou de salão e eu fiquei na responsabilidade do salão dela, só que depois eu, houve uma necessidade de eu montar o meu próprio salão, então, há um ano eu estou aqui, na verdade aqui não era um salão, era uma loja que vendia alumínio, panelas de barro; Aí eu comprei o ponto (em central de abastecimentos) e montei o salão pra mim. Estou aqui há um ano. E assim, na verdade eu não tinha a intenção de ser cabeleireira, mas eu comecei a trabalhar com minha irmã e eu fui ficando esse tempo todo" (J.C.).

A história de vida de qualquer ser humano é uma espécie de novela ou romance que vai sendo relembrado na memória do sujeito que a conta, a narra. A quarta narrativa é da proprietária e cabeleireira *J.F.*, natural de Salvador, ainda criança veio para Alagoinhas onde teve toda a sua criação até os dias de hoje.

J.F. estava solteira, tinha 32 anos de idade e uma filha. Quando criança sempre foi ativa para as coisas que lhe interessava, mas nunca para as coisas que não chamava a sua atenção, sempre se considerou vaidosa e os cabelos eram uma das suas graciosas vaidades.

> "Eu comecei minha vida de cabeleireira no bairro Santa Terezinha, fiquei por lá uns dois anos, só que o lugar ficava alagado, não tinha mais condições de ficar lá, ai resolvi alugar um ponto aqui na feira onde estou até hoje (Central de Abastecimento), e o espaço agora é meu comprado há um ano e meio, mas antes eu preferi fazer um curso na Ceproc para aprender mais coisa e realmente saber o que fazer no meu salão como cabeleireira e tomar conta do meu, porque também tem gente que faz o curso e acha que já sabe de tudo, é preciso praticar" (J.F.).

A próxima narrativa ou história de vida é de *A.M.*, nosso quinto agente de letramento, proprietário de salão de beleza e profissional cabeleireiro. Entrevistá-lo foi descobrir um outro empreendedor e profissional cabeleireiro com um perfil diferenciado, cheio de histórias para contar.

A.M., natural da cidade de Acajutiba, Bahia, tinha 42 anos, formado em curso

superior de Logística, proprietário de salão de beleza e profissional cabeleireiro.

Relata que ao todo fazia trinta anos como sujeito que estava envolvido no mundo da beleza, da criatividade e da transformação de cabelos, sendo que dessas três décadas, uma é em seu próprio negócio.

> "Meu salão nasceu assim, eu sempre trabalhei nos salões dos 'outros' cabeleireiros, achava que sempre faltava alguma coisa nos salões por onde eu trabalhei, e abri o meu para ter um outro diferencial, que não é deixar o cliente esperando, não perder tempo com conversas da vida dos outros e sim esperar a pessoa se sentar na cadeira. Contam os seus problemas e eu tento ajudar a resolver, encontro isso em todos os salões que eu passei, tinha tudo isso. Aprendi a ouvir e não resolver os problemas dos outros, ajudar, aí vi que o salão precisava de algo melhor, seria uma conversa entre cabeleireiro e cliente, os salões faltavam isso, visam o dinheiro, já eu não viso só isso, mas, também comportamento, atitude e ajudar o próximo" (A.M.).

Complementando a quantidade dos seis proprietários de salão de beleza e cabelereiros entrevistados e que prontamente responderam ao questionário pela busca que executamos para a identificação dos saberes que esses profissionais acionaram para a constituição do seu negócio, a última foi feita ao proprietário e cabeleireiro *P.C.*, cabelereiro que foi em outras épocas o ícone dos salões de Alagoinhas, ao ponto de ser homenageado de várias formas, dentre essas homenagens o reconhecimento em períodos do carnaval quando seu nome era anunciado pelos trios elétricos que tocavam e se apresentavam por toda a cidade de Alagoinhas.

P.C., natural da cidade de Serrinha na Bahia, porém registrado como sendo de Salvador, capital; na época de sua entrevista, tinha 59 anos, concluiu os seus estudos do antigo segundo grau, estava solteiro e não tinha filhos.

> "É apaixonante a arte do salão, o fato de você modificar os aspectos de alguém é interessante. A gente não acerta sempre, costumo dizer sempre aqui ao cliente que quem sabe fazer aqui "sou eu", não me diga como fazer, ele que tem que gostar ou não e a gente adequar. Eu trabalhava no polo petroquímico, não me vendo satisfeito, pois eu não era contratado, eu era de empreitadas, terceirizado, resolvi simplesmente que queria ser cabeleireiro, aí parti para um curso particular, porém, nesse de cabeleireiro eu procurei saber onde era o melhor e tal e o melhor era o Senac. Na época teve um vestibular, não sei se hoje é assim, para se entrar no Senac. Tinha que se fazer umas provas: relações humanas, conhecimentos gerais, teste de aptidão, e ai lá, eu esperei uma vaga, enquanto isso fiz meu curso particular" (P.C.).

Como se vê nos poucos recortes de narrativas dos entrevistados, são falas repletas de recordações, de experências e vivências diversas, além de uma pluralidade peculiar percebedia em cada sujeito entrevistado; lembranças evocadas na mente e nas recordações que contribuíram perceber de onde saem os chamados saberes que foram se somando ao longo do tempo para se perceberem sujeitos capazes de invrestir em seus projetos de vida.

Abaixo um quadro que ilustra o perfil identificado de cada sujeito entrevistado/a:

PROPRIETÁRIO DE SALÃO	**J.M.**	**A.S.**	**J.C.**	**J.F.**	**A.M.**	**P.C.**
SEXO	Masculino	Feminino	Feminino	Feminino	Masculino	Masculino
IDADE	47	35	33	31	42	59
ESCOLARIDADE	e.m.c.	e.m.i.	c.t.	e.m.c.	Sup.	e.m.c.
COR DA PELE	Brasileiro	Preta	Parda	Parda	Parda	s.d.
SITUAÇÃO CIVIL	Solteiro	Solteira	Casada	Solteira	Namorando	Solteiro
NATURALIDADE	Baixios	Alagoinhas	Alagoinhas	Salvador	Acajutiba	Serrinha
RELIGIÃO	Sem religião	Evangélica	Evangélica	Católica	Católico	Católico

QUADRO 1 – PERFIL DOS ENTREVISTADOS E ENTREVISTADAS (continuação)

PROPRIETÁRIO DE SALÃO	**J.M.**	**A.S.**	**J.C.**	**J.F.**	**A.M.**	**P.C.**
FILHOS	Não	Sim (02)	Sim (01)	Uma (01)	Não	Não
PROPRIETÁRIO DE SALÃO	22 anos	8 anos	01 ano	1,5 anos	10 anos	33 anos
CABELEIREIRO/A	24 anos	13,5 anos	07 anos	05 anos	30 anos	33 anos

OUTRAS PROFISSÕES	Sim	Sim	Não	não	Sim	Sim

Fonte: pesquisador

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O termo letramento ainda é novidade no discurso acadêmico e consensual das diversas categorias, setores que se ocupam com a prática educativa. O termo surgiu na década de 80 do século passado, precisamente no cenário educacional brasileiro, mas ganhou corpo e ampliou seu espaço de contextualização.

Longe de ser consenso entre os diversos autores, pois muitos confundem ou traduzem o termo letramento como sinônimo de alfabetização, que pode ser definida como o processo pelo qual o sujeito detém o saber da escrita e da leitura tão somente, contudo o ser letrado, para vários autores, traz consigo informações, conhecimentos, experiências que podem ser agregados aos que são trabalhados no cotidiano escolar, seria a sua contribuição individual para o aprimoramento de sua escolarização, alfabetização. O letramento contribuiria para o procedimento de transformação do indivíduo que incorpora toda essa bagagem adquirida no seu modo de vida, no seu pensar, no seu agir, seria dar uma dimensão dinâmica ao contexto de sua prática social.

Não há possibilidade de dissociar o letramento da alfabetização, apesar de conceitos diferentes, pois a utilização social da leitura e da escrita habilita o ser letrado a se conectar com o mundo como cidadão que interage de forma eficiente, eficaz e efetiva com o meio em que vive. A alfabetização se incube de ensinar conteúdos formais, porém necessários, o letramento sinaliza como utilizar esse conhecimento de forma criativa e distinta da aprendida no espaço acadêmico.

O conceito de letramento ou letramentos, pela falta de concordância unânime, é diferente de sociedade e cultura para outra, da situação de cada sujeito no meio em que vive, nas relações que trava. As controvérsias em volta do seu conceito enriquecem o debate por indicar que cada região do país tem sua linguagem, suas crenças, tradições e traduções, concepções acerca de mundo, na relação de oralidade e a função social da escrita, na forma de cada língua e escrita própria.

Ao se levar em consideração a realidade vivencial, dinâmica, multifacetada, a subjetividade de cada envolvido no processo de aprender, provavelmente as práticas pedagógicas e discursivas lograriam maior êxito porque o sujeito estaria inserido no progresso de sua formação como coparticipe, não como um simples observador. Ele se tornaria atuante e participante, condições objetivas de interferir significativamente na condução e execução das práticas educativas e sociais que o envolve.

Quando o questionamento acerca de letramento é influenciado pela perspectiva etnográfica, o trabalho das pessoas fica mais rico devido à complexidade e pluralidade experimentada. O sentimento de pertencimento do indivíduo o torna mais ativo na construção e aquisição de conhecimento.

Assim sendo, os agentes de letramento, no distinto texto proprietários (as) de salão de beleza no município de Alagoinhas - BA, utilizam suas práticas de letramento para conduzir, gerenciar seu empreendimento a partir de sua interpretação individual, em um contexto coletivo, dos saberes adquiridos e viabilizados a outros em uma troca constante de aprendizado.

Não existe saber sem serventia ou forjado em um só ambiente, seja ele formal ou informal. Dependemos de uma conjugação de forças para que o conhecimento se torne completo e possamos internalizá-los e repassá-los com maior propriedade.

Referências

ALMEIDA, Ricardo Faria et al. Associação entre doença periodontal e patologias sistêmicas. **Revista Portuguesa de Medicina Geral e Familia**r, v. 22, n. 3, p. 379-90, 2006.

ARAÚJO, Maurício G.; SUKEKAVA, Flávia. Epidemiologia da doença periodontal na América Latina. **Periodontia**, p. 7-13, 2007.

ASSAF, Andréa Videira. Fatores de risco para a doença periodontal. **Rev. bras. odontol**, p. 291-4, 1999.

ASSIS, Victória Kelly de Douza et al. A perda precoce dos dentes associada a fatores socioeconômicos, sociais e o impacto na qualidade de vida–revisão de literatura. **Anais do Seminário Científico do UNIFACIG**, n. 6, 2021.

BOING, Antonio Fernando et al. Estratificação sócio-econômica em estudos epidemiológicos de cárie dentária e doenças periodontais: Características da produção na década de 90. **Cadernos de Saúde Pública**, v. 21, n. 3, p. 673-678, 2005.

CALDAS JÚNIOR, A.F. et al. O impacto do edentulismo na qualidade de vida de idosos.Rev. Ciênc. Méd.v.3, n.14, p.229-238, 2005.

CASCAES, Andreia Morales et al. Gastos privados com saúde bucal no Brasil: Análise dos dados da Pesquisa de Orçamentos Familiares, 2008-2009. **Cadernos de Saúde Pública**, v. 33, n. 1, 2017.

CHAMBRONE, Leandro; LIMA, Luiz APA; CHAMBRONE, Luiz Armando. Prevalência das doenças periodontais no Brasil. **Odonto**, v. 16, n. 31, p. 69-76, 1993.

DRUMOND-SANTANA, Trícia et al. Impacto da doença periodontal na qualidade de vida de indivíduos diabéticos dentados. **Cadernos de Saúde Pública**, v. 23, p. 637-644, 2007.

FERREIRA, Adriane Cristina Richa et al. Doença periodontal: um mal que pode ser evitado. **Braz J Periodontol**, v. 23, n. 3, p. 15-23, 2013.

GESSER, Hubert Chamone; PERES, Marco Aurélio; MARCENES, Wagner. Condições gengivais e periodontais associadas a fatores socioeconômicos. **Revista de Saúde Pública**, v. 35, p. 289-293, 2001.

IBGE – INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. **Censo Brasileiro:** 2010. Rio de Janeiro: IBGE, 2010.

JÚNIOR, Francisco Ivan Rodrigues Mendes; BANDEIRA, Mary Anne Medeiros; TAJRA, Fábio Solon. Percepção dos profissionais quanto à pertinência dos indicadores de saúde bucal em uma metrópole do Nordeste brasileiro. **Saúde em Debate**, v. 39, n. 104, p. 147-158, 2015.

LOPES, Manuela Wanderley Ferreira et al. Impacto das doenças periodontais na qualidade de vida. **RGO. Revista Gaúcha de Odontologia (Online)**, v. 59, p. 39-44, 2011.

MEDEIROS, Urubatan Vieira de; ROCHA, Daniel Souza. Estudo epidemiológico da doença periodontal em pacientes adolescentes e adultos. **Revista Brasileira de Pesquisa em Saúde/Brazilian Journal of Health Research**, v. 8, n. 2, 2006.

MENDEZ, M. & GOMES, S. C. (2013). **Qualidade de vida relacionada à saúde bucal: perspectivas para a periodontia**. Periodontia, 23(4), 38-44

MENDES, Patricia Gonçalves et al. **A correlação da doença periodontal com fatores socioeconômicos dos pacientes assistidos em uma universidade**. 2019.

MENDES JÚNIOR, Francisco Ivan Rodrigues; BANDEIRA, Mary Anne Medeiros; TAJRA, Fábio Solon. Percepção dos profissionais quanto à pertinência dos indicadores de saúde bucal em uma metrópole do Nordeste brasileiro. **Saúde em Debate**, v. 39, p.147-158, 2015.

MINISTÉRIO DA SAÚDE. **Projeto SB2000 - Condições de saúde bucal da população brasileira no ano 2000:** Manual do examinador. Brasília, 2001.

MINISTÉRIO DA SAÚDE. **SB Brasil 2010- Pesquisa Nacional de Saúde Bucal:** Resultados principais. Brasília, 2012.

NUTO, Sharmênia de Araújo Soares; NATIONS, Marilyn Kay; COSTA, Íris do Céu Clara. Aspectos culturais na compreensão da periodontite crônica: Um estudo qualitativo. **Cadernos de Saúde Pública**, v. 23, p. 681-690, 2007.

PINHEIRO, Mauricio Silveira. **Prevalência das doenças periodontais de acordo com sua classificação e fatores de risco sociais e de saúde**. 2019.

STEFFENS, João Paulo; MARCANTONIO, Rosemary Adriana Chiérici. **Classificação das Doenças e Condições Periodontais e Periimplantares 2018:** Guia Prático e Pontos-Chave. Rev Odontol UNESP. p. 189- 197, 2018.

TOMAZONI, Fernanda et al. **Avaliação das condições gengivais, fatores associados e impacto na qualidade de vida de escolares**. 2013.

VETTORE, Mario Vianna; MARQUES, Regina Auxiliadora de Amorim; PERES, Marco A. Desigualdades sociais e doença periodontal no estudo SBBrasil 2010: Abordagem multinível. **Revista de Saúde Pública**, v. 47, p. 29-39, 2013.